

Estudos de Tendências e *Grounded Theory*: proposta de método investigativo

Actas de Diseño (2020, julio),
Vol. 31, pp. 215-223. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: enero 2016
Fecha de aceptación: marzo 2017
Versión final: julio 2020

Sandra Regina Rech (*)

Resumo: Este estudo conduzirá o leitor através das etapas de construção da metodologia desenvolvida com base na *Grounded Theory*, um tipo de pesquisa interpretativa considerada uma variante dentro do interacionismo simbólico, voltada para o conhecimento da percepção do significado que determinada situação ou objeto tem para o outro. O trabalho é de cunho bibliográfico, priorizando a consulta a obras de autores de referência sobre o tema proposto. A circularidade é inerente à *Grounded Theory*, de modo que o eixo básico é constituído pelo papel do pesquisador, que interage com a realidade dos sujeitos e emerge desse intercâmbio com os dados obtidos.

Palavras chave: *Grounded theory*, tendências, metodologia de investigação, design de moda, cultura, codificação, meio social, coolhunting

[Resumos em espanhol e inglês e currículo em p. 223]

1. Introdução

Os atuais fatores conjunturais e o avanço tecnológico forçaram a configuração de novas metodologias que viabilizassem planejamentos de médio e longo prazo, com a informação ativa na constituição do futuro e em condições dinâmicas dos processos decisórios. Na área do Design de Moda, os Estudos de Tendências, em seus diferentes aspectos –mercado, consumo, ideias, conceitos, entre outros–, possibilitam informações interessantes para o departamento de desenvolvimento de produtos. O acompanhamento constante e transversal das tendências transforma-se em pacote de informação estratégica e instrumento para a concepção de produtos e serviços, bem como para a gestão de processos de inovação e *branding*. Por conseguinte, os ativos imateriais (intangíveis) são cada vez mais efetivos na competitividade da indústria têxtil-vestuário. Nesse tipo de indústria, os ativos intangíveis, em grande medida, incluem ativos anteriores e posteriores à produção, como: design, concepção do produto, engenharia, *marketing*, canais de comercialização, marcas (preferencialmente globais), logística, manutenção e assistência de fornecedores, capacidade de administração e coordenação da cadeia produtiva da moda.

Para se chegar ao conceito de um novo produto, é fundamental desvendar, ao mesmo tempo, quais as carências sentidas pelo consumidor em produtos já existentes ou criar novas necessidades. A literatura aponta que, de qualquer maneira, é no contato direto com o panorama sociocultural contemporâneo que se obtêm as referências necessárias para a elaboração de uma coleção de moda atualizada e comercialmente posicionada, uma vez que a pesquisa de tendências analisa e decodifica informações de áreas diversas, da economia, política e sociologia, às artes, ciência e tecnologia.

Assim, o resultado esperado dos Estudos de Tendências não é ratificar que apenas uma direção seja a correta, à maneira positivista, mas, de forma oposta, apresentar um leque de opções plausíveis referente ao futuro. Com isso, atualmente, busca-se pesquisar e analisar métodos de investigação que auxiliem no monitoramento e aplicação

de tendências para orientar as organizações na construção de um processo de inovação.

Deste modo, este trabalho conduzirá o leitor através da metodologia de Estudos de Tendências desenvolvida com base na *Grounded Theory*, pelo laboratório FPlab - Futuro do Presente, vinculado ao Grupo de Pesquisa Design de Moda & Tecnologia, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, Brasil. De cunho bibliográfico, o estudo prioriza a consulta a obras de autores de referência sobre o tema proposto, permitindo discutir os conceitos sobre Estudos de Tendências, além de apresentar a interpretação da *Grounded Theory* concebida pelo laboratório.

A circularidade é inerente à Teoria Fundamentada nos Dados. Logo, o eixo básico é constituído pelo papel do pesquisador que interage com a realidade dos sujeitos, emergindo desse intercâmbio com os dados obtidos. Os trabalhos realizados pelos métodos qualitativos têm vantagens sobre os quantitativos, haja vista que, enquanto coletam os dados, os pesquisadores podem acrescentar informações novas, até mesmo depois, na fase de análise. O modelo metodológico proposto centra-se na pesquisa através do estudo de três categorias: a) macrotendências, b) comportamento do consumidor, c) setores de referência (indústria). Igualmente, não explicita questões de tempo, formato de comunicação de resultados, fonte de coleta de dados, nem o uso de determinadas ferramentas. A investigação ocorre em quatro passos principais: a) preparo para a pesquisa, b) coleta de dados, c) análise ou codificação desses dados, d) delimitação de teorias.

O planejamento da pesquisa é efetivado na primeira fase do modelo, assim como o resultado esperado com as informações pesquisadas. E embora a entrevista seja o principal instrumento para a coleta de dados, não se eliminam outras ferramentas como a conversação informal, *focus groups*, análise de documentos, reuniões, avaliação especializada e *softwares* de gestão de projetos.

O processo de coleta dos dados é configurado ininterruptamente, sanando dúvidas advindas do processo de análise. Nesse momento, deve-se estabelecer uma

categoria central para a elaboração do mapa mental e a identificação de influências das três categorias com base nas comparações teóricas e do exercício de observação do pesquisador, abrangendo filtragem e interpretação de informações e ideias, às vezes, subjetivas.

A terceira etapa engloba os processos de coleta, análise de dados e delimitação de tendências, que finalizam na formatação da teoria em função de um eixo narrativo, selecionando tópicos representativos do fenômeno em questão. A categoria central promulga a natureza do processo social que elucida o comportamento dos envolvidos, suas preocupações fundamentais e a maneira como resolvem seus problemas, possibilitando a conexão de todas as informações coletadas e inerentes a um ou a dois fenômenos, no máximo.

A última etapa do método é a demarcação da teoria, centrada nos resultados, isto é, na avaliação das hipóteses por meio de um processo comparativo de similaridades e divergências entre os conceitos. Contudo, na prática, o processo não é tão linear, pois a *Grounded Theory* possibilita *paradas, retrocessos e avanços* circulares sempre que uma nova direção analítica aparece, com o objetivo de obter um aprofundamento no estudo.

O artigo se desdobra em três seções, além da introdução, do objetivo e das considerações finais. Nas duas partes iniciais, apresentam-se algumas considerações a respeito dos Estudos de Tendências e da *Grounded Theory*; na sequência, descreve-se o desenho metodológico utilizado pelo laboratório FPlab - Futuro do Presente.

2. Objetivo

O intuito é apresentar o desenho metodológico dos Estudos de Tendências desenvolvido pelo laboratório Futuro do Presente - FPlab (UDESC), com base na *Grounded Theory* ou Teoria Fundamentada nos Dados.

3. Estudos de Tendências

Nas áreas do *design* de moda e do *marketing*, percebe-se que os institutos de pesquisa buscam novas metodologias e ferramentas para se diferenciarem em função das mudanças do comportamento do consumidor e dos avanços tecnológicos. Gomes (2015, p. 65-66) alerta que o “*marketeer* e o *estratega*, em articulação com o *coolhunter* ou o analista de tendências, utilizam as informações decorrentes da análise das manifestações de tendências, de modo a conceber estratégias de sucesso”. Para arquitetar novos produtos e serviços inovadores, McCracken (2011) aponta a necessidade de observação da cultura, revelando uma nova percepção sobre situações corriqueiras do dia a dia e examinando as sutilezas do mundo em detalhes. “Muitas vezes, é o olhar incomum que revela algo novo, que, por muitos, pode passar despercebido. É necessário que se despertem as ‘antenas’ para a percepção da variedade infundável do humano e da cultura” (Campos e Rech, 2016, p. 35).

Raymond (2010) declara que as tendências correspondem a uma parte essencial do entorno emocional, físico e psicológico do ser humano. Ao conhecer sua trajetória e utilizar

as tendências para o projeto de produto, os *designers* são favorecidos com informações que ajudam a compreender os princípios subjacentes, os valores e as ideias que orientam e estimulam as pessoas, e também a delinear estratégias mercadológicas sólidas (Gomes, 2015).

Ao comparar a leitura de textos em braile com o processo de pesquisa de tendências, denominado “*braile cultural*”, Raymond (2010) afirma que todo pesquisador deve ter habilidade para observar os aspectos da vida cotidiana, banais ou não, importantes ou nem tanto. Isso porque a prospecção de tendências é pautada na observação do presente, em fatos e/ou itens que poderão “contagiar” o futuro (Campos e Rech, 2016). O exame das informações deve associar aspectos de pesquisa indutivos e dedutivos, por meio da coleta, codificação e análise simultânea dos dados, considerando que toda *tendência* é um direcionamento, fundamentada em ideias de movimento, mudança, representação do futuro e evolução, que incorpora os sistemas sociais e seus significados.

Além disso, ao contrário do que muitos pensam, Raymond (2010) assevera que o termo não está relacionado exclusivamente ao mundo da moda, ou então, que faz referência apenas a processos que investigam mudanças culturais em nível físico ou estético, pois:

Com os Estudos de Tendências, e através do desenvolvimento da análise dos comportamentos de consumo, as tendências começam a distanciar-se da moda e refletem agora todos os nossos comportamentos sociais. Uma tendência, funcionando como um reflexo das nossas mentalidades, representações e práticas, está sujeita a um macro contexto cultural composto por variados elementos históricos, filosóficos, espirituais, tecnológicos, econômicos, demográficos e políticos. A tendência é um reflexo do *zeitgeist*, das nossas aspirações, crenças, vontades e desejos. Desta forma, as tendências não estão limitadas ao design e ao estilo; elas também afetam o que comemos e bebemos, o que lemos, os filmes que queremos ver, entre outros (Gomes, 2015, p. 62).

Logo, a apreciação dos sinais no espírito do tempo (*zeitgeist*) deve ser decifrada como a versão de uma linguagem cultural em um momento específico, sem esquecer que as estruturas atuais da sociedade são líquidas (Bauman, 2007) e instáveis, em virtude de mutações constantes. Vejlgard (2008) sugere que, para conhecer o *zeitgeist*, deve-se investigar *quem* iniciou as tendências no passado, *onde* as tendências começam com frequência, *como* as tendências surgiram, além de *acompanhar* sua evolução. Wagner sentencia que:

Tal expressão [*zeitgeist*] não se refere apenas à noção de uma atualidade como superficialmente se entende. Trata-se da essência de uma metodologia intuitiva, dedutiva e indutiva para formular os diversos ciclos criativos da moda que compreendem os artigos básicos de longa duração, artigos que têm uma evolução progressiva em médio prazo e, sobretudo, aqueles de curta duração considerados de vanguarda (Wagner, 2014, p. 24).

É primordial advertir que os Estudos de Tendências incidem mais sobre “o porquê” do que sobre “o quê” induz o consumidor a decidir e escolher determinados conceitos, ideias, valores ou objetos. O sistema sociocultural apresenta um padrão não linear de ordenamento, ou seja, determinados padrões ou pontos de instabilidade geram pequenas dinâmicas que podem resultar em grandes transformações no sistema. “Por conseguinte, numerosos agentes independentes exercem interação um com os outros de diferentes maneiras, compondo um conjunto complexo de elementos” (Rech, 2014, s/p.).

As tendências se alicerçam sobre duas bases: (1) cultural e (2) comercial. A base cultural indica que as tendências estão enraizadas em circunstâncias culturais, estando implícitas aos mecanismos operacionais e não sendo orientadas pelos negócios.

Nem todas as tendências têm uma origem comercial. As modas [padrões] também podem ser encontradas em âmbitos que não garantem lucro a ninguém. [...] Exemplo perfeito de tendências não comerciais: os mecanismos que presidem a escolha dos nomes. A relação com os nomes poderia, inclusive, constituir um referencial da nova maneira que os indivíduos têm de lidar com as tendências. A existência de um ciclo na forma de batizar as crianças é um fenômeno recente; ela atesta a importância inédita das tendências, até em âmbitos que ninguém teria interesse em controlar (Erner, 2015, p. 13).

O segundo modo relaciona-se às organizações comerciais. Rech e Maciel (2015) discorrem que os Estudos de Tendências permitem à empresa, através de uma reflexão coletiva dos futuros desafios, estruturar e avaliar suas opções estratégicas e mercadológicas, com vistas a clarear suas ações. Deste modo, percebe-se que a atitude prospectiva consiste em controlar a mudança, agindo em pró-atividade, preparando-se não só para as transformações, mas também para provocar alterações desejadas no cenário presente. Ao longo do século XXI, muitos estudos proliferaram em diversos países, sob os mais variados enfoques, com destaque para as pesquisas sobre interesses estratégicos nacionais, a geração de políticas tecnológicas em segmentos específicos e o desenvolvimento regional e de aglomerados produtivos.

Svendsen (2010, p. 131) relata que o atual consumidor “projeta um gozo idealizado sobre produtos cada vez mais novos, uma vez que os velhos e bem conhecidos perdem pouco a pouco sua capacidade de encantar”. Percebe-se, por conseguinte, que os signos e sinais da sociedade observados, analisados e interpretados são os que orientam os grandes setores quanto aos desejos e anseios da população consumidora. Todavia, para analisá-los, é necessário criar certo distanciamento para averiguar como tais práticas realmente se apresentam. Para isso, faz-se imperativo o uso de um método estruturado que vise à organização, validade e suposta imparcialidade das informações coletadas.

Posto isto, é importante ter uma sensibilidade aguda que objetive os Estudos de Tendências. A variabilidade de informações e a capacidade de sua mutabilidade são admiráveis, a ponto de confundir o que ainda não está

definido. Esse tipo de investigação surge como um meio facilitador para destrinchar conceitos densos e prolixos, pois “no mundo industrial, tudo é interligado. Cada vez mais, o esforço é para manter e refinar as conexões entre as redes e entre as partes de cada rede. À medida que elas vão sendo integradas, surge uma grande rede abarcando todas as outras –a de informação” (Cardoso, 2013, p. 187). Através do estudo e da análise de fenômenos sociais provenientes das ruas e disseminados pelos meios de comunicação, em geral, e considerando que a metodologia parece ser o principal parâmetro para o estabelecimento de confiança e credibilidade aos Estudos de Tendências, torna-se possível a prospecção de tendências sociais, as quais, posteriormente, serão traduzidas em tendências para a indústria da moda e em direcionamentos para produtos, serviços e marcas.

4. *Grounded Theory*

Uma reflexão a respeito dos distintos métodos e técnicas de pesquisa possibilita o aperfeiçoamento da atividade prospectiva e, conseqüentemente, de seus resultados quanto à prospecção do futuro, já que diferem em suas abordagens e na exigência de determinadas habilidades por parte dos pesquisadores.

Podem ser classificados como “hard” (quantitativos, empíricos, numéricos) ou “soft” (qualitativos, baseados em julgamentos ou refletindo conhecimentos tácitos). Outra classificação possível é avaliar se tais métodos e técnicas tendem a ser “normativos” (iniciando o processo com uma nítida percepção da necessidade futura) ou “exploratórios” (iniciando o processo a partir da extrapolação das capacidades tecnológicas correntes) (Terra, 2012, p. 294).

Charmaz (2014) assevera que os métodos ampliam e alargam a nossa visão da vida estudada, aprofundando, assim, aquilo que aprendemos dela e sobre ela. Atualmente, vários métodos e técnicas utilizados derivam de outros campos do conhecimento. Nos Estudos de Tendências, usualmente, são utilizadas associações de estratégias formais/informais e técnicas qualitativas e quantitativas. A abordagem qualitativa da pesquisa considera a sociedade composta por indivíduos e grupos, que partilham aceções de acordo com perspectivas coletivas. Ao partir desse desenho metodológico, e de uma sequência de hipóteses, o pesquisador investiga processos, fatos e situações na cena social que, interligados, podem explicar o fenômeno analisado.

O laboratório denominado FPlab - Futuro do Presente, pertencente ao Grupo de Pesquisa Design de Moda & Tecnologia - (UDESC), desenvolveu uma metodologia própria, pautada pelas ciências humanas e sociais aplicadas, e intermediada pela “internet para a coleta e comunicação de resultados com foco no futuro, tendo como objetivo contribuir no processo de desenvolvimento de produtos e serviços” (Campos e Rech, 2016, p. 29).

A metodologia baseia-se na Grounded Theory, uma espécie de pesquisa interpretativa considerada uma variante dentro do interacionismo simbólico, voltada para o co-

nhecimento da percepção do significado que determinada situação ou objeto tem para o outro. É um método sistemático, indutivo, comparativo, que incentiva o investigador a fazer conjecturas a partir de um raciocínio dedutivo e da interação com os dados (Charmaz, 2013).

Strandmark (2015) relaciona as três premissas do interacionismo simbólico: (1) as pessoas atuam com base no significado que os objetos lhes fornecem; (2) esses significados resultam das interações sociais entre os seres humanos; (3) esses significados são apreendidos e transformados conforme um processo interpretativo, quando o ser humano adquire consciência desse significado, comunicando-o, depois, para si e para as outras pessoas. A *Grounded Theory*, por ser uma “teoria fundamentada em dados”, possibilita a identificação de diferentes conexões metodológicas passíveis de elucidar certo campo de investigação, isto é, o campo pode “ser melhor explorado, permitindo a construção de conhecimentos que são aplicados a uma determinada realidade dentro do campo” (Francisco *et al.*, 2015, p. 16). Alguns pontos do alicerce da referida teoria (Strandmark, 2015) são: (1) simultaneidade entre a coleta e a análise de dados; (2) criação de categorias sem hipóteses pré-concebidas; (3) desenvolvimento de teorias para falar sobre o comportamento humano e os processos sociais; (4) uso de *memo-writing* para analisar e explicar as categorias; (5) comparações entre dados e dados, dados e conceito, conceito e conceito; (6) uso de amostragem teórica para a construção da teoria; (7) revisão bibliográfica somente após a análise dos dados.

Strauss e Corbin (2009, p. 22) relatam que a *Grounded Theory* foi concebida pelos sociólogos Barney Glaser e Anselm Strauss (Glaser, 1978, 1992; Glaser e Strauss, 1967; Strauss, 1987). “Embora cada um deles viesse de uma tradição filosófica e de pesquisa diferente, suas respectivas contribuições foram igualmente importantes”. Ülkebaş (2014) sentencia que existem três principais abordagens da teoria: a versão clássica, apoiada pelos estudos de Glaser; a segunda, que reformula a versão clássica (Glaser) e esclarece o processo de análise de dados (Strauss e Corbin); e a terceira, mais recente, que tem uma abordagem socioconstrutivista (Charmaz), sendo uma alternativa aos modelos anteriores. Deste modo, conseqüentemente, as versões da *Grounded Theory* encerram duas categorizações: a versão positivista e a versão interpretacionista (Ülkebaş, 2014).

A posição positivista ou quantitativa norteia-se pelo ideal regulador da física social, partindo do pressuposto de que as ciências naturais são aplicações ou concretizações de um modelo conhecido e universalmente válido. Sob essa ótica, é possível estudar os fenômenos sociais como fenômenos naturais, por maiores que sejam as diferenças entre eles. A outra posição, denominada fenomenológica ou interpretacionista, defende a ideia de que a ação humana é subjetiva. [...] Para os interpretacionistas, a realidade social é, então, uma rede de representações complexas e subjetivas (Torres, 2014, p. 489).

É importante ressaltar que, no modelo apresentado a seguir, o pesquisador não deve impor conceitos a partir da

interpretação dos dados, sendo que a teoria deve aflorar dos dados. A começar dessa premissa metodológica, o investigador procura processos que estão acontecendo no cenário social, seguindo uma série de hipóteses que, unidas umas às outras, podem explicar o fenômeno. Cidreira (2013, p. 18) afirma que “essa abordagem, reconhecida como interacionista, acentua a importância da produção e circulação de sentidos que as interações entre indivíduos produzem, observando de forma bastante atenta para o contexto no qual se desenvolvem esses processos interativos”.

Assim sendo, o desenho metodológico proposto baseia-se em métodos e técnicas qualitativos e indutivos. Além disso, a coleta de dados investe no monitoramento de informações de diversos campos do conhecimento; tais como: política, economia, cultura, arte, sociedade, tecnologia, etc. A ampla gama de influências pesquisadas enriquece o escopo da pesquisa e fornece variabilidade de dados e, por consequência, de resultados. A análise dos dados é o que exerce papel central e possibilita orientações transversais – já que ultrapassam áreas e conhecimentos específicos e podem ser direcionadas aos mais variados nichos e setores do mercado (Campos e Rech, 2016, p. 30).

Charmaz (2014) ratifica que os trabalhos realizados pelos métodos qualitativos têm vantagens sobre os métodos quantitativos, haja vista que, enquanto coletam os dados, os pesquisadores podem acrescentar informações novas, até mesmo depois, durante a análise:

A flexibilidade da pesquisa qualitativa permite ao pesquisador seguir as indicações que vão surgindo. Os métodos da teoria fundamentada ampliam essa flexibilidade e, simultaneamente, oferecem mais foco ao pesquisador que muitos outros métodos, se for utilizada, a teoria fundamentada acelera a obtenção de um foco claro no que ocorre em seus dados sem sacrificar o detalhe das ações desempenhadas. Como uma câmara com muitas lentes, primeiramente você percebe lentes diversas vezes para aproximar cada vez mais essas ações (Charmaz, 2011, p. 31).

Investigadores da área sancionam que *tudo são dados*, isto é, tudo o que se observa no ambiente de pesquisa ou sobre o tema de pesquisa. A teoria emana de dados, ordenadamente coletados e analisados através de processo de pesquisa (Strauss e Corbin, 2015). Contudo, “os dados variam na qualidade, na relevância dos seus interesses emergentes e na utilidade para a interpretação” (Charmaz, 2011, p. 33). E assim a cultura, expressa através dos fatos sociais, torna-se inerente à esfera humana em sociedade, pois os fenômenos culturais são dinâmicos:

Cabe ao pesquisador compreender de forma sistêmica as ações passíveis de observação externa, que poderiam parecer iguais, mas que estão enriquecidas pelo sentido. Com isso, nota-se imperativa a concepção complexa dos estudos sociológicos ao perceber que as ações humanas precisam, mais do que serem explicadas, serem entendidas. Sendo assim, o estudo com-

plexo dos modos de interações parece mais plausível para o estudo sociológico (Campos, Perassi e Rech, 2012, p. 54).

Deste modo, é fundamental o emprego de um método estruturado que possibilite a organização, a validade e a suposta imparcialidade das informações coletadas, suprimindo abordagens levianas e perigosas, já que não existem ferramentas apropriadas para a pesquisa de tendências na área da moda (Caldas, 2014).

5. Desenho metodológico do FPlab - Futuro do Presente

O modelo metodológico proposto pelo laboratório, pautado pela *Grounded Theory*, centra-se no estudo de três categorias: (a) influências das macrotendências; (b) comportamento do consumidor; (c) setores de referência (indústria). Igualmente, não explicita questões de tempo, formato de comunicação de resultados, fonte de coleta de dados, nem o uso de determinadas ferramentas.

Apesar das abordagens mais recentes em ciências humanas valorizarem a pesquisa subjetiva, neste caso mantém-se uma lógica mais tradicional por dois principais motivos. O primeiro deles dá-se pela não formação em ciências humanas dos alunos que participam do [FPlab], além da pouca ou nenhuma experiência com pesquisa. A segunda justificativa é a necessidade de aplicabilidade dos resultados da pesquisa, uma vez que a pesquisa é desenvolvida com o objetivo de gerar direcionamentos de produtos e serviços para cenários futuros. Logo, a metodologia consiste de etapas e ações organizadas e do controle do grupo de pesquisadores de modo a dirigir a organização, validade e utilidade dos resultados. Todavia, a proposta sugerida foge de ferramentas, cronogramas ou sequências de passos exatas; assim, prima-se pela flexibilidade, indicando uma trajetória adaptável e maleável a diferentes aplicações (Campos e Rech, 2016, p. 30).

A investigação ocorre em quatro passos principais: a) preparo para a pesquisa; b) coleta de dados; c) análise ou codificação desses dados; d) delimitação de teorias. O planejamento da pesquisa se efetiva na primeira fase do modelo, assim como o resultado esperado com as informações pesquisadas. O principal instrumento de coleta de dados da *Grounded Theory* é a entrevista, embora isso não elimine outras ferramentas como conversação informal, *focus groups*, análise de documentos, reuniões, avaliação especializada, técnicas e procedimentos de análise financeira, *softwares* de gestão de projetos e melhores práticas de recursos humanos.

O processo de coleta dos dados dá-se de modo ininterrupto, sanando dúvidas durante o processo de análise. Nesse momento, é preciso estabelecer uma categoria central para a elaboração de um mapa mental com base nas comparações teóricas e do exercício de observação do pesquisador. De acordo com Bentley e Barrett (2012), o conceito de “*deep dive*”, isto é, de “mergulho profundo” ou “observação ativa e intensa”, foi popularizado pela

empresa de *design* IDEO (Kelley, Littman e Peters, 2001). Consiste em uma maneira rápida e segura de situar os *designers* (ou pesquisadores) em contextos reais, tanto por meio da observação de pessoas quanto pela descoberta de produtos e serviços que não “funcionam” ou não “atraem” os consumidores.

A amostragem teórica é definida ao longo da pesquisa, gerando um processo cumulativo de coleta e observação do comportamento humano e seu cenário. Ao se trabalhar com a observação sistemática, é preciso concentração em todos os detalhes para que não haja espaço para erros ou suposições sem fundamento por parte do pesquisador. Em um segundo momento, o método propõe identificar as influências das três categorias (macrotendências, comportamento do consumidor e setores de referência), incluindo a filtragem e a interpretação de informações e ideias, às vezes, subjetivas. O objeto de estudo do laboratório FPlab – Futuro do Presente é a *blogosfera*, que se refere ao termo coletivo que compreende *blogs* e suas conexões. É interessante destacar a ideia de que a *blogosfera* funciona como um fenômeno social, enquanto que as páginas dos *blogs* são apenas páginas da *web*. Assim, percebe-se que internet não é uma rede de computadores, mas de pessoas.

A descrição também é básica para o que chamamos de *ordenamento conceitual*. Isso se refere à organização de dados em categorias discretas (e algumas vezes, classificação) segundo suas propriedades e dimensões e depois usando a descrição para elucidar essas categorias (Strauss e Corbin, 2009, p. 32).

A terceira etapa engloba os processos de coleta, análise de dados e delimitação de tendências, que finalizam na delimitação da teoria em função de um eixo narrativo, selecionando tópicos representativos do fenômeno em questão (Tarozzi, 2011). A análise de dados é considerada o processo mais complexo da prospecção de tendências, pois, muitas vezes, abrange argumentos e aspectos extremamente subjetivos. A categoria central promulga “a essência do processo social que explica o comportamento dos envolvidos, suas preocupações principais e a forma como resolvem seus problemas”, além de possibilitar a conexão de todas as informações coletadas e inerentes a um ou a dois fenômenos, no máximo (Godoi, Bandeira-De-Mello e Silva, 2010, p. 253). Primeiramente, uma linha de narrativa é gerada ou explicitada, podendo tornar-se a categoria central da teoria. Essa etapa implica na capacidade de recortar e eleger categorias e questões que apresentam relevância para a composição do modelo teórico representativo do fenômeno abordado.

Consoante Strauss e Corbin (2015), o processo de codificação é o processo central das teorias construídas a partir de dados, isto é, a partir da conceitualização e da reconexão dos dados de maneiras inovadoras, validadas pela relevância da pesquisa. O processo analítico objetiva: (a) construir a teoria; (b) dar o necessário rigor metodológico ao processo científico; (c) auxiliar o pesquisador a detectar os vieses; (d) desenvolver o fundamento, a densidade, a sensibilidade e a integração necessária para gerar uma teoria. É um processo de análise de dados complexo e também “um referencial de análise que [possa fornecer]

caminhos e [orientar] o investigador que pretende utilizá-la, tornando-se um norte metodológico para estudos interacionistas” (Torres, 2014, p. 491).

A codificação pressupõe uma ruptura nos dados, que busca extraí-los do texto ou do contexto original (descontextualização), permitindo, assim, a identificação e o agrupamento de informações. Contudo, será possível, mais tarde, a composição de um novo contexto (recontextualização) e o início de indagações, no intuito de descobrir suas propriedades e dimensões. Não obstante, é importante prevenir alguns erros durante o processo de codificação, tais como explicar insuficientemente as relações entre os códigos ou omitir os fatos negativos para que se inutilize uma nova efetivação da categorização de dados:

A codificação é o elo fundamental entre a coleta de dados e o desenvolvimento de uma teoria emergente para explicar esses dados. Pela codificação, você *define* o que ocorre nos dados e começa a debater-se com o que isso significa (Charmaz, 2011, p. 70).

A não dissociabilidade entre as fases de coleta e de análise dos dados também se manifesta nas atividades de codificação, considerada a parte central da análise dos dados. A codificação é o resultado de questionar e dar respostas provisórias sobre categorias e suas relações, que devem ser checadas e aperfeiçoadas ao longo de três fases do processo de codificação: a) codificação aberta; b) codificação axial; c) codificação seletiva (Strauss e Corbin, 2015).

Ao se iniciar a investigação, a codificação é aberta e exaustiva, envolvendo a quebra, a análise, a comparação, a conceituação e a categorização detalhada dos dados, propriamente, a chamada microanálise dos dados (Godoi, Bandeira-De-Mello e Silva, 2010). Esse processo contém características indutivas, de diretrizes conceituais de hipóteses formuladas, e dedutivas, utilizadas, sobretudo, para as derivações iniciais dos códigos (ou conceitos). Inicialmente, os dados são comparados entre si, de modo que as categorias surgem, depois, como um denominador comum a um grupo de dados que contém as mesmas ideias.

O objetivo da codificação aberta é gerar e validar propriedades e categorias através das diversas comparações (Godoi, Bandeira-De-Mello e Silva, 2010). A codificação aberta incide nos rompimentos, diagnósticos, análises, comparações, conceituações e categorizações dos dados. Ainda segundo Godoi, Bandeira-de-Mello e Silva (2010), é nas primeiras etapas da codificação aberta que o investigador examina os dados sem uma orientação clara, mas analisa intensamente, e de forma minuciosa, tudo aquilo que possa merecer apreço, através da observação e da análise intensiva dos dados, de textos a entrevistas, de imagens a anúncios publicitários, etc.

A codificação aberta exige um *brainstorm* durante a fase de análise, pois os investigadores devem decompor todo o potencial dos dados (Corbin e Strauss, 2015). Na aberta, os dados são desmembrados em conceitos e categorias, enquanto que na codificação axial os dados são recompostos de diferentes maneiras, interligando categoria e subcategorias. Os referenciais conceituais,

que identificarão o problema na cena social, são dilatados com base nas informações coletadas do corpo social do estudo e da percepção deste sobre a situação pesquisada. A partir disso, no momento em que ocorre a verificação dos dados com o propósito de apreender a sua essência, há, também, uma redução da quantidade dos dados e a formação de novos vocábulos (Corbin e Strauss, 2015). A formulação dos conceitos e categorias é um processo de adequação de conceitos elaborados com base nos acasos, e não uma exposição especificada destes. A conceituação dos dados não somente reduz a quantidade dos dados que o pesquisador deverá trabalhar, mas fornece igualmente uma linguagem (novos vocábulos) para que ocorra uma articulação sobre esses dados.

A codificação na teoria fundamentada exige uma parada para que possamos conceituar de modo analítico os dados que coletamos. Esses questionamentos não apenas favorecem a nossa compreensão da vida estudada, contribuem também para a orientação da coleta de dados subsequente voltada para as questões analíticas que definimos (Charmaz, 2011, p. 67).

Os conceitos e as categorias representam o fenômeno, pois é a unidade que lhe atribui significado. *A posteriori*, ocorre o agrupamento dos conceitos ao redor de uma categoria central, composta por temas ou universos semelhantes, já que é necessário descobrir qual conceito pertence a qual circunstância, configurando seu limite estrutural.

A partir desse momento, dois tipos de categorias ou propriedades podem surgir: o primeiro faz referência às categorias construídas pelo próprio pesquisador; o segundo, aos conceitos que foram retirados da própria linguagem da situação pesquisada. Deste modo, no processo da codificação, os conceitos podem emergir de leituras e da formação teórica do pesquisador ou advir de expressões e conceitos utilizados pelos próprios atores do fenômeno estudado.

Durante o desenvolvimento da teoria, percebe-se que os conceitos derivados de situações substantivas tendem a ser denominações precisas para a formatação do processo e dos comportamentos peculiares do fenômeno examinado, enquanto os conceitos arquitetados por pesquisadores, por meio da análise, funcionam como explicações para os atos e comportamentos analisados. A questão central, no processo de elaboração de conceitos, não é exatamente caracterizar um dado, mas constituir seus limites estruturais e desvendar qual o conceito adequado para a circunstância. Em seguida, os conceitos concernentes a um mesmo tema ou universo devem ser incorporados a uma categoria conceitual.

Ülkebaş (2014) disserta que a principal característica da codificação aberta é a procura sistemática de propriedades, sintetizada em um diagrama lógico que possibilita ao pesquisador: a) a identificação de uma categoria central sobre um fenômeno, propriamente as ideias nucleares, os acontecimentos, os episódios ou fatos relacionados a um conjunto de ações ou interações (Corbin e Strauss, 2015); b) a exploração de condições causais, isto é, os elementos/situações que permitem o surgimento do fenômeno (idem); c) a especificação de estratégias; d) a identificação

do contexto, considerado uma aglomeração peculiar de atributos que pertencem ao fenômeno, qualidades dentro das quais serão tomadas as estratégias de ação/ interação e consideradas as condições de intervenção, compostas pelo tempo, espaço, cultura, situação econômica e tecnológica, história, biografia pessoal (Idem); e) o delineamento das consequências, ou expectativas do grupo de ações e interações.

Eles são criados para ajudar os analistas a dar os passos necessários para a construção da teoria –conceituar, definir categorias e desenvolver categorias em termos de propriedade e dimensões– e depois relacionar categorias por meio de hipóteses ou de declarações de relações. Conceituação é o processo de agrupar itens similares segundo algumas propriedades definidas e dar aos itens um nome que represente associação comum (Strauss; Corbin, 2009, p. 121).

Após a codificação aberta, passa-se para a codificação axial, que analisa as relações entre categorias que constituem as hipóteses da teoria substantiva. A principal característica da codificação axial é a busca ativa e sistemática de propriedades. Nessa fase, o investigador agrupa as informações em distintas formas, depois da codificação aberta. O processo questiona fenômenos e conceitos destrinchados durante a primeira etapa. Em seguida, os conceitos e as categorias recriam-se mutuamente, dando forma a um procedimento indutivo de cooperação entre ambos. A afluência de categorias é realizada a partir de análise das categorias, sendo que as integrações e as conexões tornam-se evidentes, formatando conjuntos mais amplos: “A codificação axial relaciona as categorias às subcategorias, especifica as propriedades e as dimensões de uma categoria, e reagrupa os dados que você fragmentou durante a codificação inicial para dar a coerência à análise emergente” (Charmaz, 2011, p. 91).

O método de relacionar conceitos e categorias recria padrões semelhantes a um holograma, no qual as partes e o todo se constroem mutuamente. Em certos pontos, conectam-se, em outros, desligam-se, cercados por determinadas incertezas que exercitam um modo de pensamento cosmológico, privilegiando a cooperação e a cumplicidade entre os conceitos e as categorias derivados dos dados. Nesse ponto, ocorre o surgimento das categorias reunidas a partir de informações gerais.

Na tentativa de auxiliar o processo de seleção da categoria central, a fim de que o pesquisador possa pensar sistematicamente sobre os dados e relacioná-los de forma complexa, Strauss e Corbin (2015) desenvolveram o modelo paradigmático que permite conexões e atrelamentos, bem como o constante questionamento para a validação dos dados.

[É] um esquema, uma perspectiva que organiza e explica as conexões emergentes, que ajuda o pesquisador a pensar sobre os dados sistematicamente, relacionando-os de forma a integrar estrutura e processo, estabelecendo relação entre as categorias ao envolver, respectivamente, fenômeno, contexto, condição, condições causais e intervenientes, estratégias de ação/ interação e consequências (Baggio, 2011, p. 182).

O terceiro momento da codificação engloba a integração das categorias desenvolvidas, em nível abstrato, a partir de uma estrutura teórica inicial, objetivando a identificação da(s) categoria(s) central(is) da teoria (Godoi, Bandeira-de-Mello e Silva, 2010). Portanto, a “codificação seletiva é o processo de integrar e de refinar categorias”, porém, em um nível mais abstrato que a codificação axial (Charmaz, 2011, p. 143). Nessa fase, alguns passos devem ser seguidos, de maneira não linear, como: a) o relacionamento das categorias secundárias em torno da categoria central por meio do diagrama lógico; b) validação dessas relações com os modelos; c) complementação e refinamento das categorias com dados adicionais.

Em toda a literatura da teoria fundamentada, os pesquisadores são orientados a evitar forçar os seus dados em códigos e categorias preconcebidos, sendo que, entre esses estão, em primeiro lugar, as teorias existentes. Devemos também nos prevenir contra o forçamento das nossas preconcepções nos dados que codificamos. [...] Os pesquisadores que utilizam a teoria fundamentada, bem como outros pesquisadores, podem inconscientemente partir das suas próprias preconcepções a respeito do que uma determinada experiência significa e acarreta (Charmaz, 2011, p. 99).

A última etapa do método, referente aos resultados, é a delimitação da teoria, ou seja, a avaliação das hipóteses através de um processo comparativo de similaridades e divergências entre os conceitos. Planeja-se a síntese das informações coletadas, levando em consideração os objetivos delineados durante a primeira fase (planejamento da pesquisa).

Strauss e Corbin (2015) apresentam uma listagem de critérios a serem aplicados para a qualificação de um conceito central enquanto explicativo para o fenômeno pesquisado: a) é necessário que seja central, pois todas as demais categorias principais deverão estar relacionadas a ele b) deve aparecer com frequência nos dados, a fim de que proporcione, em quase todos os casos, indicadores para tal conceito; c) a explicação resultante das categorias deve ser lógica e consistente, sendo que os dados não podem ser *forçados*; d) o nome utilizado para descrever a categoria central deve ser suficientemente abstrato para que possa ser usado para a investigação em outras esferas substantivas, conduzindo à delimitação de uma teoria mais geral; e) analiticamente, à medida que há o refinamento do conceito, através de sua integração a outros conceitos, a teoria ganha profundidade e poder explanatório; f) o conceito é o ponto fundamental dos dados e consegue explicar as variações, isto é, quando as condições se modificam, a explicação se mantém, ainda que o modo de expressão de um fenômeno seja levemente diferenciado.

Na *Grounded Theory*, o resultado pode ser considerado como substantivo ou formal. O primeiro refere-se a uma teoria composta dos mesmos grupos ou casos, como, por exemplo, teorias empíricas, de investigação sociológica, sobre relações interétnicas, de educação profissional, de delinquência ou organizações de investigação. Já a teoria formal é composta por grupos ou casos comparáveis apenas em um nível conceitual vasto, como estigma,

conduta desviada, organizações formais, socialização, congruência de *status*, autoridade e poder, sistemas de recompensa ou mobilidade social. Ao se desenvolver a teoria, compreende-se que os conceitos resultantes de situações substantivas aproximam-se de denominações mais pontuais para expor comportamentos peculiares do fenômeno investigado.

No caso específico do laboratório FPlab – Futuro do Presente –, as tendências delimitadas são comumente expandidas para o nível formal. Isto é, as tendências observadas têm suas possibilidades de generalização ampliadas, dilatando o alcance das prospecções a serem comunicadas. (Campos e Rech, 2016, p. 40)

O foco, durante toda a pesquisa, deve ser na harmonia e na lógica dos fatos observados e analisados em comparação à realidade. A delimitação da teoria reflete os observados e o observador, portanto, a teoria não surge puramente dos dados, mas sim do intercâmbio do pesquisador com essas informações (Charmaz, 2014; Godoi, Bandeira-de-Mello e Silva, 2010). Logo, a complexidade na *Grounded Theory* encontra-se, sobretudo, no modo orbicular de condução das etapas da pesquisa, de modo que pode ocorrer uma saturação teórica a partir da circularidade entre as etapas de codificação de dados. O desenvolvimento da categoria é denso e as relações estão bem estabelecidas e validadas quando nenhum dado proeminente ou novo emerge.

Além de estar livre de concepções e padrões vinculados a uma visão de mundo positivista, a *Grounded Theory* busca fazer com que o pesquisador consiga exercer uma série de comportamentos quanto à importância dos dados, de modo que o processo de codificação, em suas diversas facetas, possa ocorrer de maneira sistemática até ocorrer o que se chama de saturação teórica. Godoi, Bandeira-de-Mello e Silva (2010) ratificam que, geralmente, é o pesquisador que se satura do trabalho diante das pressões e limitações de prazos e recursos. Contudo, a experiência dos pesquisadores pode diminuir as falhas e erros, e assim, não só conduzir, mas nortear o resultado em direção ao amadurecimento da pesquisa científica. Na última etapa do desenho metodológico, parte-se para a composição do resultado, quando as tendências coletadas transformam-se em informações comunicadas através de textos, painéis e cadernos de referências digitais (*trendbooks*).

6. Considerações finais

A proposta do presente artigo foi apresentar o modelo metodológico de pesquisa utilizado pelo laboratório FPlab – Futuro do Presente (UDESC), atrelado à complexa relação sistêmica do mundo, no intuito de esclarecer o processo de codificação dos dados e permitir, assim, a prospecção de oportunidades e seus impactos na cadeia produtiva da moda. O modelo foi desenvolvido a partir da base teórica da *Grounded Theory* (Strauss e Corbin, 2009, 2015; Charmaz, 2011, 2013, 2014), buscando agregar conhecimento sobre procedimentos metodológicos das áreas da Sociologia, Ciências Humanas e Sociais.

É capital notar que nenhum método, técnica ou ferramenta conseguirá originar, isoladamente, respostas adequadas para todas as demandas complexas envolvidas na arquitetura do futuro. Não obstante, é necessário conhecer as ferramentas metodológicas e envolver todos os atores desde o início do processo, avaliando credibilidade aos resultados finais. Destarte, percebe-se que a dinâmica competitiva dos dias atuais exige conhecimento, capacidade e habilidade para gerir recursos ambientais, financeiros, tecnológicos, sociais, produtivos e operacionais. Finalizando, percebe-se que para garantir a competitividade de empresas e países, cada vez mais se realizam estudos prospectivos que utilizam conhecimentos explícitos e tácitos, os quais objetivam construir cenários futuros através da compreensão de variáveis e dos fatores condicionantes envolvidos.

Referências Bibliográficas

- Baggio, M. A.; Erdmann, A. (2011). Teoria fundamentada nos dados ou Grounded Theory e o uso na investigação em Enfermagem no Brasil. *Revista de Enfermagem Referência*, Coimbra, 3(3), pp. 177-185.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bentley, F.; Barret, E. (2012). *Building Mobile Experiences*. Cambridge: MIT Press Ebooks.
- Caldas, D. (2014). *Observatório de Sinais - teoria e prática da pesquisa de tendências*. São Paulo: E-ODES.
- Campos, A. Q.; Perassi, R. L. de S.; RECH, S.R. (2012). Por uma abordagem qualitativa dos dados: a pesquisa de tendências embasada na Grounded Theory. *ModaPalavra E-periódico [online]*, Florianópolis, 5(10), pp. 47-70.
- Campos, A. Q.; Rech, S. R. (2016). Método para Pesquisa de Tendências: uma revisão do modelo Futuro do Presente. *ModaPalavra E-periódico [online]*, Florianópolis, 9(17), pp. 27-47.
- Cardoso, R. (2013). *Design para um Mundo Complexo*. São Paulo: Cosac Naify.
- Charmaz, K. (2011). *A Construção da Teoria Fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Charmaz, K. (2013). Grounded Theory as an emergent method. In: HESSE-BIBER, S. N.; LEAVY, P. (Eds.). *Handbook of Emergent Methods*, pp. 155-170. New York: Guilford Press.
- Charmaz, K. (2014). *Constructing Grounded Theory*. 2ª ed. London: Sage.
- Cidreira, R.P. (2013). *As Formas da Moda*. São Paulo: Annablume.
- Erner, G. (2015). *Sociologia das Tendências*. São Paulo: Gustavo Gili.
- Godoi, C. K.; Bandeira de Mello, R.; Silva, A. B. da (2010). *Pesquisa Qualitativa em Organizações: paradigmas, estratégias e métodos*. 2ª ed. São Paulo: Editora Saraiva.
- Francisco, T. H. A. et al. (2015). O Uso da Grounded Theory no Campo da Administração Universitária: possibilidades e desafios em um campo científico emergente. In: 4º. *Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa*, Universidade Tiradentes, 5-7 ago. 2015, Aracaju, Brasil.
- Gomes, N. P. (2015). A Análise de Tendências e da Cultura como uma Ferramenta para a Gestão de Marcas. e-*revista LOGO*, Florianópolis, 4(1), pp. 59-72.
- Mccracken, G. (2011). *Chief Culture Officer: como a cultura pode determinar o sucesso ou fracasso de uma organização*. São Paulo: Aleph.
- Raymond, M. (2010). *Tendências: qué son, cómo identificarlas, en qué fijarnos, cómo leerlas*. Barcelona: Promopress.

- Rech, S. R. (2014). Prospecção de Moda e a Teoria Fundamentada nos Dados. In 4^o. ENPModa - Encontro Nacional de Pesquisa em Moda, Universidade do Estado de Santa Catarina, 27-30 abr. 2014, Florianópolis, Brasil.
- Rech, S. R.; Maciel, D. M. H. (2015). A Proposal for Prospective Method based on Grounded Theory. In: *The Value of Design Research - 11th International European Academy of Design Conference*, 22-25 abr. 2015, Paris, França.
- Strandmark, M. (2015). Method development at Nordic School of Public Health NHV: Phenomenology and Grounded Theory. *Scandinavian Journal of Public Health* [online], 43(16), Aug 2015, pp. 61-65, London.
- Strauss, A.; Corbin, J. (2015). *Basics of qualitative research: Grounded Theory procedures and techniques*. 4^a ed. London: Sage.
- Strauss, A. Corbin, J. (2009). *Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed.
- Svendsen, L. (2010). *Moda: uma filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Tarozzi, M. (2011). *O que é a Grounded Theory: metodologia de pesquisa e de Grounded Theory*. Petrópolis: Vozes.
- Terra, J. C. C. (Org.) (2012). 10 Dimensões da Gestão da Inovação: uma abordagem para a transformação organizacional. São Paulo: Elsevier Campus.
- Torres, M. K. L.; Oliveira, P. C. de; Nunes, C. S.; Nakayama, M. K. (2014). Análise da utilização da Grounded Theory (Grounded Theory) na produção científica brasileira entre 2008-2012. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, Brasília, 11 (24), pp. 485-510.
- Ülkebaş, S. D. (2014). The Use of Grounded Theory in User Experience Based. Design Research: A Study on "Automobile Modification" in Turkey. In: *Proceedings of DRS 2014: Design's Big Debates - Design Research Society Biennial International Conference*, 16-19 jun. 2014, Umeå, Sweden.
- Vejlgaard, H. (2008). *Anatomy of a Trend*. New York: McGraw-Hill.
- Wagner, C. (2014). Zeitgeist, o Espírito do Tempo - Experiências Estéticas. *Revista Cultura e Extensão USP*, 12, pp. 21-29, São Paulo.
- Resumen:** Este estudio conducirá al lector a través de las etapas de construcción de la metodología desarrollada basada en la Teoría Fundamentada (Grounded Theory), un tipo de investigación interpretativa considerada una variante dentro del interaccionismo simbólico, orientada al conocimiento de la percepción del significado que determinada situación u objeto tienen para el otro. El trabajo es de tipo bibliográfico, priorizando la consulta a obras de autores de referencia sobre el tema propuesto. La circularidad es inherente a la TF, de modo que el eje básico está constituido por el papel del investigador, que interactúa con la realidad de los sujetos y emerge de ese intercambio con los datos obtenidos.
- Palabras clave:** Teoría fundamentada - tendencias - metodología de investigación - diseño de moda - cultura - codificación - medio social - coolhunting.
- Abstract:** This study will lead the reader through the stages of construction of the methodology developed based on the Grounded Theory, a type of interpretive research considered a variant within the symbolic interactionism, oriented to the knowledge of the perception of the meaning that a given situation or object have for the other. The work is of bibliographic type, prioritizing the consultation of works of reference authors on the proposed topic. Circularity is inherent in the Grounded Theory, so that the basic axis is constituted by the role of the researcher, who interacts with the reality of the subjects and emerges from that exchange with the data obtained.
- Keywords:** Grounded theory - trends - research methodology - fashion design - culture - coding - social media - coolhunting.
- (*) **Sandra Regina Rech.** PhD em Engenharia da Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina, docente associado da Universidade do Estado de Santa Catarina - Departamento de Moda e líder do grupo de pesquisa Design de Moda e Tecnologia (UDESC/CNPq), Brasil. Coordena o laboratório FPlab - Futuro do Presente e desenvolve projetos (pesquisa e extensão) na área dos Estudos de Tendências. Atualmente, realiza Pós-Doutoramento junto ao Centro de Arquitetura, Urbanismo e Design - CIAUD, Faculdade de Arquitetura - Universidade de Lisboa, Portugal (2015-2016).